

Uruguai diz não aos militares nas ruas



M.J. Arce

Nas eleições realizadas nestes dias no Uruguai também estava em jogo a possibilidade de uma reforma constitucional que colocasse em risco os direitos dos uruguaios, visto que traria de volta às ruas os militares.

Viver sem medo. Esse era o nome da proposta encaminhada pelo senador Jorge Larrañaga do conservador Partido Nacional sob o pretexto de diminuir os indicadores de delinquência. Porém, sua ideia só conseguiu atizar o receio da volta dos militares.

A iniciativa pretendia dispor as batidas noturnas, o que é proibido desde a primeira Constituição de 1830, e a criação de uma Guarda Nacional, um corpo de segurança formado por uns 2.000 militares para ajudar a Polícia Nacional.

A possibilidade de reviver um passado triste, mas recente da história, fez com que a proposta fosse derrotada ao não reunir 50% dos votos necessários.

Dias antes das eleições, os uruguaios saíram às ruas defendendo o NÃO à reforma. Os analistas julgam que a ação foi promovida pensando, também, na complexa situação regional, levando em conta, em primeiro lugar, a grave crise que abala o Chile com protestos, toque de recolher, estado de exceção e

militares espalhados pelo país todo.

É claro que não podemos esquecer as profundas marcas que deixou na sociedade uruguaia a ditadura que reinou naquela nação sul-americana de 1973 a 1985. Como se sabe, o Uruguai e outros países da região viveram anos de terror e crimes.

Hoje em dia, familiares dos quase 200 detidos que sumiram naqueles anos ainda continuam buscando seus seres queridos e exigem respostas e justiça para dar por concluída uma dolorosa etapa de suas vidas.

Continuam latejando na memória as torturas e os crimes cometidos pelos militares, amparados na declaração de estado de guerra interno e na promulgação da lei de segurança do Estado, que dava maior poder às Forças Armadas para reprimir.

Ganhou o NÃO, é verdade. Mesmo assim preocupa que tenha sido por uma estreita margem. É bom refletir sobre o que está se passando na sociedade uruguaia, sobretudo quando um sujeito como o ex-militar Guido Manini Rios, de tendência ultra direitista, conseguiu que seu recém-formado partido Cabildo Abierto obtivesse 11% dos votos e entrasse no Congresso.

O tema da segurança não esgotou, é uma preocupação dos uruguaios, porém, como manifestara a **Articulação Nacional NÃO à Reforma**, não pode passar pela militarização, nem pela criminalização da pobreza.

<http://www.radiohc.cu/pt/especiales/comentarios/206334-uruguai-diz-nao-aos-militares-nas-ruas>



Radio Habana Cuba